



**ANAIS**

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e  
Interculturalidade (SIELLI)  
e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio Corrêa Cordeiro  
Universidade  
Estadual de Goiás

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

**ENGENHOS DE *FOGO MORTO*: LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA NA  
OBRA DE JOSÉ LINS DO REGO**

**ENGINEERS IN *FOGO MORTO*: LITERATURE, HISTORY AND MEMORY IN  
JOSÉ LINS DO REGO'S WORK**

Helton Marques<sup>1</sup>

**Resumo:**

Em 1943, José Lins do Rego publica *Fogo Morto*, romance-síntese das narrativas que compõem o chamado “ciclo da cana-de-açúcar”, que representa o processo histórico gradual de substituição dos engenhos nordestinos pelas usinas mecanizadas nas primeiras décadas do século XX. Tendo isso em vista, o principal objetivo deste trabalho é apresentar uma análise interpretativa sobre as relações entre ficção, História e memória na obra de José Lins do Rego, sobretudo em *Fogo Morto*, com base em estudos que compõem a *Fortuna Crítica* do autor, organizada por Afrânio Coutinho. Almeja-se, com isso, concluir de que modo ocorre a representação literária das tensões dialéticas que envolvem tradição e renovação, presentes na obra de forma tensa, com o gradual declínio de um sistema econômico mercantil e colonial organizado pelos engenhos, e a expansão triunfal de uma economia de base pré-capitalista representada pelo surgimento das usinas, com seu novo modo de produção movido pelas máquinas.

**Palavras-chave:** *Fogo Morto*. História. Memória. Representação literária. José Lins do Rego.

**Abstract:**

In 1943, José Lins do Rego published *Fogo Morto*, a novel synthesis of the narratives that integrate the “Sugarcane cycle”, which represents the gradual historical process of replacing northeastern mills by mechanized plants in the first decades of the 20th century. With this in mind, the main objective of this work is to present an interpretative analysis on the relations between fiction, History and memory in José Lins do Rego’s work, especially in *Fogo Morto*, based on studies present on the author's *Critical Fortune*, organized by Afrânio Coutinho. Therefore, it’s aimed to conclude how the literary representation of dialectical tensions involving tradition and renewal, present in the novel in a tense way, occurs with the gradual decline of a mercantile and colonial economic system organized by engineers, and the triumphal expansion of a pre-capitalist economy represented by the rise of power plants, with their new way of production organized by machines.

**Key words:** *Fogo Morto*. History. Memory. Literary representation. José Lins do Rego.

**Breve introdução à obra de José Lins do Rego**

Autor de várias produções literárias, José Lins do Rego é considerado um dos principais escritores da Literatura Brasileira da década de 1930, e sua ficção filia-se de modo único à estética regionalista vigente na época. Caracterizada pela liberdade de expressão, pelo interesse social e pelo regionalismo, a obra de José Lins é uma das mais importantes produzidas durante

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras (Área de concentração: Literatura e Vida Social). Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus de Assis. E-mail: [hm\\_palmital@hotmail.com](mailto:hm_palmital@hotmail.com).



**ANAIS**

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e  
Interculturalidade (SIELLI)  
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

**Cláudia Cora Coratini**  
**Universidade  
Estadual de Goiás**

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

o Modernismo no Brasil. Seus romances, em geral, são o retrato melancólico e ao mesmo tempo poético de uma sociedade decadente.

Em 1932, José Lins publicou seu primeiro romance, intitulado *Menino de engenho*, ao longo do qual o narrador autodiegético reúne suas recordações de infância e retrata a situação histórico-social da região nordestina durante o processo de industrialização que substituiu o sistema socioeconômico organizado em torno da casa-grande, da senzala e do engenho.

É importante levar em consideração que esse processo aparece ao longo dos romances que compõem o chamado “ciclo da cana-de-açúcar”, denominação sugerida a José Lins e posteriormente aceita por ele. De acordo com Rachel de Queiroz, no ensaio “*Menino de engenho: 40 anos*”, as “(...) memórias, personagens e vivências eram as da sua [de José Lins do Rego] meninice, passadas na zona da cana-de-açúcar; e daí nasceu a ideia do Ciclo da Cana-de-Açúcar”. (QUEIROZ, in COUTINHO, 1991, p. 239). O início desse ciclo se dá com *Menino de engenho* (1932), e segue com *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O Moleque Ricardo*<sup>2</sup> (1935), *Usina* (1936), e, como romance-síntese do processo, a obra-prima *Fogo Morto* (1943).

Como é possível observar, os cinco primeiros romances de José Lins foram publicados um após o outro, em anos consecutivos, como um jorro de lembranças nostálgicas que marcaram profundamente a vida do romancista. Com o poder da palavra escrita e um papel social definido por sua função de escritor, José Lins surge na década de 1930 como um dos principais representantes do romance memorialista, por deixar correr a pena ao fluxo das recordações, e do regionalista, por valorizar o linguajar da terra, escrevendo suas narrativas em estilo coloquial, embora apurado.

Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, reconhece a intenção de José Lins do Rego de eternizar um modo de vida baseado no sistema patriarcal, que foi substituído pelo advento da usina. Nesse importante estudo sobre o país, o ensaísta cita o romancista como exemplo de suas considerações sobre a exploração dos engenhos pelos centros industrializados no fim do século XIX e início do século XX, como mostra a seguinte passagem:

Um romancista nordestino, o Sr. José Lins do Rego, fixou em episódios significativos a evolução crítica que ali também, por sua vez, vai arruinando os velhos hábitos patriarcais, mantidos até aqui pela inércia; hábitos que o meio não só deixou de estimular, como principia a condenar irremediavelmente. O desaparecimento do velho engenho, engolido pela usina moderna, a queda de prestígio do antigo sistema agrário e o novo tipo de senhores de empresas concebidas à maneira de estabelecimentos industriais urbanos indicam bem claramente em que rumo se faz essa evolução (HOLANDA, 1995, p. 175-176).

O conjunto de romances que compõem o ciclo da cana-de-açúcar ganha expressiva significação quando é analisado com base na citação de Holanda, uma vez que a gradual

<sup>2</sup> Consideramos *O Moleque Ricardo* um dos romances que compõem o ciclo da cana-de-açúcar, pois o próprio autor o considerou como tal. No entanto, segundo José Aderaldo Castello, em *José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo*, o quarto romance de José Lins é antes uma obra independente, pois a ambientação é mais urbana do que rural. Para Castello, a aproximação desse romance ao ciclo da cana-de-açúcar só é possível “do ponto de vista sentimental.” (CASTELLO, 1961, p. 158).



**ANAIS**

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e  
Interculturalidade (SIELLI)  
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio Cora Coratim  
**Universidade  
Estadual de Goiás**

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

substituição do engenho pela usina, ou seja, de um modo de trabalho e produção por outro, aparece representada desde o romance de estreia, *Menino de engenho*, até o último do ciclo, *Usina*. A propósito, os próprios títulos desses romances já indicam o processo de transformação dos engenhos em usinas, e todo o processo é representado de modo magistral no romance-síntese intitulado *Fogo Morto*. Desse modo, o principal objetivo deste artigo é desenvolver uma breve análise sobre a representação literária desse momento histórico na obra de José Lins do Rego.

### **Ficção, História e Memória nos romances do ciclo da cana-de-açúcar**

*Menino de engenho*, primeiro romance do ciclo da cana-de-açúcar, foi escrito com base nas memórias de infância do autor, que transpôs para o plano ficcional alguns indivíduos que fizeram parte de sua vida de menino de engenho, como, por exemplo, seu avô materno, o senhor José Lins Cavalcanti de Albuquerque, que aparece na obra do escritor como o autoritário Coronel José Paulino.

De acordo com o próprio José Lins do Rego, a memória foi a grande força-motriz de sua produção literária. Em uma entrevista realizada por Clóvis de Gusmão, intitulada “A terra é quem manda em meus romances”, o autor afirma: “Quero sempre recordar, estar sempre me lembrando. É outra palavra que gosto de ver pegada à minha obra. Dizem que sou um homem que me sirvo da memória. De fato, a saudade me tem dado o que há de belo nos meus romances.” (GUSMÃO, in COUTINHO, 1991, p. 54).

Realmente, a grande saudade que o romancista deixa transparecer na figura do narrador de *Menino de engenho*, chegando inclusive a dar o tom nostálgico ao longo da narrativa, pode ser uma chave-de-leitura para a interpretação desse romance. A propósito, o tom nostálgico e até mesmo melancólico perpassa todos os romances do ciclo da cana-de-açúcar, atingindo seu ponto máximo em *Banguê*, quando o jovem Carlos de Melo, já bacharel em Direito, retorna ao engenho onde passou sua infância e se depara com o velho Zé Paulino em plena decadência física e mental. Vale destacar que toda a narrativa é marcada pelo signo da decadência do grande engenho Santa Rosa, assim como dos banguês vizinhos, que se encontram em processo de extinção, gerado pela crescente expansão de um novo sistema de produção e trabalho organizado em torno das usinas.

José Aderaldo Castello afirma que a “(...) geratriz do grupo de romances, conhecido por Ciclo da Cana-de-Açúcar, é o ‘menino de engenho’, expressão de autêntico estado vivencial, condicionador de experiências posteriores, foco que ilumina a memória vigilante, atuante e estimuladora.” (CASTELLO, 1961, p. 230). Assim, a memória pode ser considerada na obra de José Lins como o ponto de partida para a escrita de vários romances, nos quais recordação e invenção misturam-se e criam uma expressão artístico-literária singular.

No prefácio da primeira edição de *Usina*, o próprio José Lins confirma o caráter memorialista de seus livros, afirmando que

(...) com *Usina* termina a série de romances que chamei um tanto enfaticamente de “ciclo da cana-de-açúcar”.

A história desses livros é bem simples – comecei querendo apenas escrever umas memórias que fossem as de todos os meninos criados nas casas-grandes



**ANAIS**

**Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO  
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio  
Corá Coráima

 **Universidade Estadual de Goiás**

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

dos engenhos nordestinos. Seria apenas um pedaço da vida o que eu queria contar.

Sucedede, porém, que um romancista é muitas vezes o instrumento apenas de forças que se acham escondidas no seu interior. (REGO, 2010, p. 29).

Como é possível depreender das palavras do autor, sua intenção, ao iniciar suas memórias, era a de representar sua vida de menino de engenho de forma a atingir um patamar generalizante, ou seja, escrever sobre sua infância como forma de representação da vida de todos os meninos criados em engenhos. No entanto, José Lins criou um ciclo de romances, o ciclo da cana-de-açúcar, que vai muito além de suas memórias de infância e juventude.

Na verdade, esse ciclo ilustra o processo de decadência de um sistema socioeconômico, a começar com *Menino de engenho*, romance em que se narram as relações estabelecidas entre o senhor de engenho e seus empregados; os costumes dos moradores dos banguês e dos escravos das senzalas; as brincadeiras típicas dos moleques da bagaceira; as formas de organização política; os costumes religiosos; as comemorações festivas; as mudanças e permanências; enfim, todo um mundo social organizado em torno da família patriarcal, da casa-grande, das senzalas e dos engenhos.

No segundo romance, *Doidinho*, o autor continua as memórias de Carlos de Melo, apelidado de “doidinho” pelos colegas do “Instituto Nossa Senhora do Carmo”, de Itabaiana, dirigido pelo áspero Prof. Maciel. Nesse romance, o narrador distancia-se do engenho Santa Rosa para contar sua experiência como interno. No entanto, tal distanciamento é parcial, uma vez que o narrador se lembra de suas férias de colégio passadas no engenho de seu avô, revelando, mais uma vez, a vida no engenho.

De acordo com Rolando Morel Pinto, no ensaio “Introdução a *Doidinho*”, a compreensão integral do segundo romance de José Lins “(...) exige a leitura prévia das peripécias do menino de engenho, tais são as remissões a personagens, episódios e acontecimentos da primeira narrativa (...)” (PINTO, in COUTINHO, 1991, p. 245). Na verdade, *Doidinho* continua a narrativa de *Menino de engenho* não somente por retomar personagens e cenas presentes nesse, mas por começar a partir do ponto em que termina o primeiro romance, quando Carlinhos deixa o engenho e vai para o colégio de Seu Maciel. Trata-se, portanto, de uma continuação explícita, que segue o curso temporal da vida do protagonista Carlinhos, supostamente o mesmo em ambas as narrativas.

Em *Banguê*, terceiro romance do ciclo, Carlos de Melo, após dez anos de ausência, retorna ao engenho Santa Rosa para repousar da agitada vida urbana e dos estudos que recentemente concluía. Bacharel em Direito, o protagonista encontra-se em um profundo dilema existencial, pois não sabe se herda o engenho de seu avô e se torna senhor de engenho ou se continua sua incipiente vida de intelectual, rodeado de livros e jornais. Por fim, Carlos de Melo, após a morte de José Paulino, tenta dar continuidade à produção do engenho herdado, porém não consegue livrá-lo da total decadência e posterior extinção.

Adolfo Casais Monteiro estabelece uma relação de aproximação entre *Banguê* e *A ilustre casa de Ramires*, do escritor português Eça de Queiroz, afirmando, com muita sensatez, que em ambos os romances “(...) o drama é o mesmo: é o drama da decadência, do aniquilamento, não apenas de uma família, porque em ambos os romances a família não passa de símbolo transparente: o que agoniza é de fato uma época, uma forma de civilização.”



**ANAIS**

**Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO  
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio Corrêa Cordeiro  
**Universidade Estadual de Goiás**

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

(MONTEIRO, 1964, p. 173). Assim, a figura de Carlos de Melo é duplamente falida, uma vez que tanto sua vida familiar e pessoal como sua função social de senhor de engenho são arruinadas.

Após *Banguê*, José Lins distancia-se de Carlos de Melo, publicando *O Moleque Ricardo*, primeiro livro do autor que apresenta um narrador heterodiegético, o qual conta a história de um dos moleques trabalhadores do engenho Santa Rosa, Ricardo, que foge do ambiente rural para a cidade, com o objetivo de mudar de vida, mas acaba se transformando em mais um proletário urbano.

De acordo com Antonio Carlos Villaça, no ensaio “O Moleque Ricardo”, presente na 20ª edição do romance homônimo, “(...) pela primeira vez em sua obra, Lins do Rego se volta para o ambiente urbano. *O Moleque Ricardo* vai reaparecer em *Usina*. É um moleque que foge aos 16 anos do engenho Santa Rosa para a cidade do Recife. Mas o engenho vai com ele. O moleque carrega o engenho consigo.” (VILLAÇA, in REGO, 1995, p. 15).

Em *Usina*, narra-se a continuação da história do moleque Ricardo a partir de sua prisão com outros grevistas até seu retorno ao engenho Santa Rosa, após Carlos de Melo fugir dos problemas do engenho e entregar seu patrimônio a parentes. Nesse romance, que encerra, de certa forma, o ciclo da cana-de-açúcar, o qual reaparece e é de fato concluído (daí a ideia de ciclo) em 1945 com o romance-síntese *Fogo Morto*, o engenho Santa Rosa encontra-se em seus últimos dias de existência, pois não há como evitar sua industrialização.

Segundo Jayme de Barros, no ensaio “Usina”, o quinto romance de José Lins é “(...) o fim do drama. (...) Se o banguê devorou os engenhos, as usinas devoraram os banguês. A terrível maquinaria moderna, aliada do dinheiro, quebra canas sem cessar e reclama mais terras, escurraça o povinho do Santa Rosa (...)”. (BARROS, in COUTINHO, 1991, p. 306).

Assim, José Lins encerra, por um tempo, seu ciclo da cana-de-açúcar, com a representação do fim do mundo dos engenhos e o surgimento do mundo das usinas. Em outras palavras, na série de romances desse ciclo é possível observar a gradual decadência de um modo de trabalho escravo, comandado pelos senhores de engenho, e o início de outra forma de trabalho, onde o poder das máquinas também aliena o homem.

Após sete anos da publicação de *Usina*, em 1945, José Lins publica o romance-síntese do processo de substituição do engenho pela lavoura mecanizada. *Fogo Morto*, considerado a obra-prima do autor, reinterpreta os principais personagens do ciclo da cana-de-açúcar. A propósito, nessa obra, os personagens são a força-motriz da narrativa.

De acordo com Antonio Candido, *Fogo Morto*

(...) é sobretudo um livro de personagens. Falar dele é falar destes. A força dramática e a intensidade do estilo do Sr. José Lins do Rego são de natureza a tornar os personagens tipos e símbolos, sem que com isso percam coisa alguma de sua vida palpitante, da sua extraordinária humanidade. (CANDIDO, in COUTINHO, 1991, p. 397).

Vale destacar que os personagens da ficção de José Lins são sempre colocados em uma situação-limite, sobretudo em *Fogo Morto*, romance que sintetiza e encerra o ciclo da cana-de-açúcar. Mestre José Amaro, por exemplo, amargurado com sua vida em decadência e, principalmente, por não ter um filho para quem ensinar o seu ofício de seleiro, morando em



**ANAIS**

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e  
Interculturalidade (SIELLI)  
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio  
Corá Corálina  
**Universidade  
Estadual de Goiás**

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

uma velha casa de taipa no meio da estrada, por onde todos passam, é um personagem que vive em uma situação de transição: já se encontra velho e doente, entre a vida e a morte, que acontece no fim da última parte do romance.

Além disso, Zé Amaro, como também é chamado, pela cor amarelada, olhos vermelhos e pelo hábito que adquire de andar à noite pelas matas, começa a despertar, em determinado momento da narrativa, medo e aversão nos moradores dos engenhos, que passam a chamá-lo de “lobisomem”. Essa condição de lobisomem também se relaciona à situação social-limite do mestre seleiro, que passa a ser considerado lobo e homem ao mesmo tempo.

Sua filha, Marta, além de Coronel Lula de Holanda e de Olívia, filha de Capitão Tomás, também são personagens que se encontram em situação-limite, pois adoecem vitimados pela loucura. O limite entre razão e emoção marca, assim, o modo de viver dessas personagens. Até mesmo o velho José Amaro é acometido pela loucura, quando, por exemplo, questiona se de fato é um lobisomem, como tanto dizem os moradores dos engenhos, e até passa a acreditar nessa hipótese.

Como bem observou Antonio Candido, no ensaio “Um romancista da decadência”, os heróis de José Lins “(...) são de decadência e de transição, tipos desorganizados pelo choque entre um passado e um presente divorciado do futuro.” (CANDIDO, 1992, p. 61). Dessa forma, trata-se de personagens inseridos em um contexto marcado pelo conflito de gerações e pela alteração de valores e princípios, o que gera o conflito existencial visível como característica de vários de seus heróis.

Outro personagem delineado com os mesmos traços é Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, apelidado de “Papa-Rabo”, por ter o costume de cortar o rabo dos animais. De acordo com Benjamin Abdala Jr., em seu artigo “Os ritmos do tempo em torno do engenho”, presente na 71ª edição de *Fogo Morto*,

Capitão Vitorino é um quixote nordestino. Como o herói de Miguel de Cervantes, às vezes vê na realidade o que ali não está. Considerava sua “burra” velha um “animal de primeira ordem”. (...) o capitão, em sua “loucura”, exigindo respeito por sua figura (não é apenas uma “triste figura”) e também justiça (por sobre os interesses familiares), acaba por triunfar. Na ficção, o sonho pode ser maior que a realidade. (ABDALA Jr., in REGO, 2011, p. 16).

Outra situação-limite em *Fogo Morto* é a imagem do cangaço, presente de forma ambígua no romance por apresentar o cangaceiro chefe, Capitão Antonio Silvino, como vilão e herói ao mesmo tempo. Trata-se, portanto, de uma espécie de poder paralelo à ordem social.

Assim como esses personagens, que vivem em situações-limites, o sistema de organização social em torno dos engenhos, da casa-grande e das senzalas também é representado em uma situação-limite, pois se encontra em gradual e inevitável decadência. A propósito, de acordo com José Aderaldo Castello, o conjunto de romances que fazem parte do ciclo da cana-de-açúcar representa o processo de

(...) decadência do patriarcado rural da zona açucareira do Nordeste e (...) o triunfo, sobre tal derrocada, da industrialização do açúcar sob processos mecânicos avançados, com a usina, devoradora de engenhos – como os



**ANAIS**

**Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO  
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio Cora Coratim  
**Universidade Estadual de Goiás**

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

engenhos o foram dos banguês – e criadora de novo sistema de latifúndio e servilismo. (CASTELLO, 1961, p. 92).

Desse modo, tradição e renovação, passado, presente e projeções de um futuro próximo, convivem no regime romanesco de forma tensa, com o gradual declínio de um sistema econômico mercantil e colonial, e a expansão de uma economia de base pré-capitalista representada pelo surgimento das usinas.

### **Considerações finais**

A literatura de José Lins do Rego surge, de forma vigorosa e desembaraçada, no contexto de afirmação da Literatura Regionalista Nordestina, que se encontrava em contraposição, mas paradoxalmente em sintonia, com a estética literária vigente na porção Centro-Sul do Brasil, principalmente no eixo São Paulo – Rio de Janeiro, o que configurou uma espécie de duplo movimento modernista no Brasil, com as duas tendências mais gerais e fundamentais do Modernismo brasileiro: uma “inaugurada” com a Semana de Arte Moderna, em 1922, envolvendo principalmente o eixo São Paulo – Rio de Janeiro, e a outra originada em Recife e irradiada por todo o Nordeste.

Essa tendência modernista nordestina apresentava pontos de contato com a tendência modernista paulistana, na medida em que ambas reagiam “(...) às convenções clássicas, ao espírito acadêmico, ao purismo lusitano da língua.” (CASTELLO, 1961, p. 37); mas, por outro lado, divergia em outros aspectos, pois buscava traçar seus próprios caminhos.

Além disso, os representantes do grupo nordestino também negavam o valor exaltado que os modernistas do Sudeste atribuíam à Semana de Arte Moderna, considerada expressão duradoura e centralizadora de um movimento modernista de âmbito nacional. E José Lins do Rego “(...) é dos que hostilizam as atitudes dos realizadores da Semana de Arte Moderna (...). Mas, de qualquer forma interessado vivamente na obra que eles vinham realizando, pôde (...) levar Freyre ao conhecimento desse modernismo brasileiro que se vinha desenvolvendo no Sul.” (*Idem*, p. 29-30). Desse modo, o romancista foi o principal responsável pela integração do sociólogo Gilberto Freyre no movimento intelectual brasileiro, a partir de 1923, quando este retornava de sua jornada de estudos nos Estados Unidos e Europa.

A valorização das tradições e da paisagem nordestinas e a tematização dos problemas sociais pertinentes a essa região também constituíram uma das intenções desse movimento modernista, e principalmente de José Lins de Rego, o qual inclusive chega a afirmar: “Nada me arreda de ligar a arte à realidade, e de arrancar das entranhas da terra a seiva de meus romances ou de minhas ideias. Gosto que me chamem de telúrico e muito me alegra que descubram em todas as minhas atividades literárias forças que dizem de puro instinto.” (REGO, 1945, p. 5-6). Em outras palavras, o autor não concebe a arte desvinculada da realidade, e, no seu caso, de sua experiência autêntica e pessoal.

Outro fato que aproxima a obra de José Lins aos ideais do grupo de escritores modernistas e regionalistas do Nordeste é a opção por um narrador autodiegético conduzido por suas lembranças de infância. Esse recurso literário indica a intenção do autor em recuperar, através da memória, e representar, por meio de uma narrativa literária, os valores e tradições do Nordeste na época da família patriarcal brasileira e dos engenhos, gradativamente substituídos



**ANAIS**

**Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

**POSLLI**  
COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO  
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Cláudio  
Corá Corálima

 Universidade  
Estadual de Goiás

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

pelas usinas, com suas novas formas de produção mecanizada e a total despersonalização do senhor de engenho, o qual, por sua vez, foi substituído, na maioria dos casos, por grupos de empresários muitas vezes desconhecidos pelos trabalhadores.

A reelaboração do passado, portanto da memória, por meio de uma narrativa pode ser entendida com base nos estudos desenvolvidos por Jacques Le Goff, em *História e Memória*, em cujo capítulo intitulado “Memória” afirma que Pierre Janet, um dos principais estudiosos da Psicologia Mental dos séculos XIX e XX, considera que “(...) o ato mnemônico fundamental é o ‘comportamento narrativo’ que se caracteriza antes de mais nada pela sua *função social*, pois que é comunicação a outrem de informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo.” (JANET apud LE GOFF, 1994, p. 424-425, *grifo do autor*). Ou seja, a memória pode manifestar-se por meio da linguagem oral ou escrita, a qual possui, em primeira instância, “função social”, visto que configura um ato de comunicação.

Tendo em vista essas considerações, é possível concluir que os romances do ciclo da cana-de-açúcar possuem “função social”, pois se caracterizam pela recuperação, por meio de narrativas memorialistas, e difusão dos valores e tradições extintos pelo novo modo de organização social que surgia com o fim dos engenhos e o início de um modo de produção mecanizado próprio das usinas.

De certa forma, a memória do narrador conduz as narrativas, selecionando e reelaborando episódios, seres e coisas. Por meio dela também são “filtradas” as memórias e narrativas dos outros personagens, como do Coronel José Paulino e da Velha Totonha, por exemplo, de *Menino de engenho*. Isso revela que as memórias de infância do narrador adulto são formadas também pelas lembranças de narrativas que um dia pertenceram às memórias de outros sujeitos, os quais, por sua vez, as reelaboraram através do discurso verbal oral e as transmitiram ao narrador quando este ainda era uma criança, contribuindo para a construção de sua própria identidade.

A propósito, segundo Le Goff, “(...) a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [meados do século XX], na febre e na angústia.” (LE GOFF, 1994, p. 476, *grifo do autor*). Desse modo, é válida a afirmação de que o narrador de *Menino de engenho* e de outros romances do ciclo da cana-de-açúcar busca, através da narrativa memorialista, o reconhecimento de si mesmo, principalmente porque as histórias são organizadas cronologicamente, como se almejasse reelaborar sua infância e compreender sua formação de maneira sequencial e organizada, uma vez que “(...) o processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios.” (CHANGEUX apud LE GOFF, 1994, p. 424).

De modo geral, portanto, os vínculos entre literatura, História e memória na obra de José Lins do Rego possibilitam uma compreensão mais abrangente da realidade social brasileira durante a primeira metade do século XX, a partir da representação literária das transformações ocorridas pelo gradual processo de substituição dos engenhos nordestinos pelas usinas mecanizadas.

## Referências



**ANAIS**

Simposio Internacional de Língua, Literatura e  
Interculturalidade (SIELLI)  
e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Clareira  
Corá Corálina  
Universidade  
Estadual de Goiás

**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

ABDALA Jr., Benjamin. Os ritmos do tempo em torno do engenho. In: REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

BARROS, Jayme de. Usina. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). **José Lins do Rego** (Coleção Fortuna Crítica). São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.

CANDIDO, Antonio. Um romancista da decadência. In: **Brigada Ligeira e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. Um romancista em decadência. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). **José Lins do Rego** (Coleção Fortuna Crítica). São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.

CASTELLO, José Aderaldo. **José Lins do Rego**: Modernismo e regionalismo. São Paulo: Edart, 1961.

GUSMÃO, Clóvis de. A terra é quem manda em meus romances. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). **José Lins do Rego** (Coleção Fortuna Crítica). São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: UNICAMP, 1994.

MONTEIRO, Adolfo Casais. **O romance (teoria e crítica)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

PINTO, Rolando Morel. Introdução a Doidinho. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). **José Lins do Rego** (Coleção Fortuna Crítica). São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.

QUEIROZ, Rachel de. Menino de engenho: 40 anos. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). **José Lins do Rego** (Coleção Fortuna Crítica). São Paulo: Civilização Brasileira, 1991.

REGO, José Lins do. **Poesia e Vida**. Rio de Janeiro: Universal, 1945.

\_\_\_\_\_. **Usina**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

VILLAÇA, Antonio Carlos. O Moleque Ricardo. In: REGO, José Lins do. **O Moleque Ricardo**. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.